

Rússia e Ucrânia criam corredores humanitários para retirada de civis

Rússia e Ucrânia estabelecem acordo para retirada de civis

Houve evolução na segunda rodada de negociações e um terceiro encontro está previsto para ocorrer nos próximos dias



Representantes dos países estiveram na região de Brest, em Belarus, nação aliada do Kremlin

A Rússia e a Ucrânia concordaram sobre a criação de um corredor humanitário para a saída de civis das cidades em guerra, segundo afirmaram os negociadores de ambos países após o encontro diplomático presencial que aconteceu ontem. O acordo poderia envolver até um cessar-fogo durante as operações de retirada, mas não foram revelados detalhes de quando ocorreria e em quais cidades ou regiões.

Esta foi a segunda reunião realizada entre os dois países para discutir a invasão russa na Ucrânia. Os resultados obtidos não eram os esperados pela Ucrânia – que exige o cessar-fogo imediato e a retirada das tropas enviadas pelo presidente russo, Vladimir Putin.

Ainda assim, houve avanço em relação ao primeiro encontro, que aconteceu na segunda-feira e quando nenhum resultado prático foi divulgado. Os dois países também concordaram em realizar uma terceira rodada de negociações, afirmaram os negociadores das partes, mas ainda não há local, data ou horário definidos.

Do lado da Rússia, um dos

representantes afirmou que o país está de acordo com os corredores humanitários para civis com o possível cessar-fogo em torno destes locais.

– Avaliamos que isso é um progresso substancial – disse após a reunião, segundo relatado pela agência de notícias Reuters.

A reunião, que aconteceu em Belovezhskaya Pushcha, na região de Brest, em Belarus, perto da fronteira ucraniana com a Polónia, tratou de temas militares e humanitários. Segundo a Rússia, uma futura regulação política do conflito também foi debatida.

Logística

As conversas, realizadas no oitavo dia da guerra, começaram com algum atraso, segundo o chefe da delegação russa, Vladimir Medinsky, que se referiu à “complexidade da logística do lado ucraniano, que se reúne na Polónia e depois vai para a região de Brest”.

Medinsky havia dito um dia antes que, na primeira reunião das delegações, em 28 de feve-

reiro, “algumas propostas russas” relacionadas com um “cessar-fogo imediato” já tinham sido discutidas. Ele afirmou que em alguns temas, “em geral, houve um entendimento na mesa de negociações”, mas em outros, “como era de se esperar, o lado ucraniano levou algum tempo para reflexões e consultas em Kiev”.

Exigências

A Rússia exige “desmilitarização e desnazificação” da Ucrânia, assim como o reconhecimento da soberania russa sobre a península da Crimeia, anexada em 2014, e da independência das autoproclamadas repúblicas populares de Donetsk e Luhansk, assim como o status neutro ucraniano em relação à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), uma garantia de que não irá aderir a essa aliança militar das potências ocidentais.

Também ontem, antes do encontro entre as delegações, o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, disse que queria negociar diretamente

com seu colega russo, Vladimir Putin, afirmando que é “a única maneira de parar a guerra” entre a Rússia e a Ucrânia.

– Tenho de falar com Putin porque essa é a única maneira de parar esta guerra – disse Zelensky em entrevista coletiva em que apareceu escoltado ao lado de soldados armados.

O presidente ucraniano acrescentou que está “aberto” e “disposto a abordar todos os problemas” com Putin. Além disso, ressaltou que a Ucrânia se tornar membro da União Europeia (UE) “não é uma prioridade” neste momento, mas sim garantir a paz para seu país.

“Neonazistas”

Em Moscou, Putin declarou que a ofensiva na Ucrânia avança “como planejado”:

– A operação militar especial está ocorrendo dentro do cronograma – disse o presidente na abertura de reunião do conselho russo de segurança, acrescentando que suas tropas estão lutando contra “neonazistas” e que “russos e ucranianos são um só povo”.

Tropas russas controlam Kherson

As tropas da Rússia conquistaram o controle de Kherson, cidade do sul, admitiram os ucranianos. É uma das maiores vitórias do Kremlin desde o começo da invasão. Os russos também intensificaram os bombardeios contra outros centros urbanos. Ao menos 33 pessoas morreram em um ataque contra áreas residenciais de Chernigov (norte), informaram os serviços de emergência ucranianos, que divulgaram imagens da área, com fumaça e apartamentos destruídos, escombros e socorristas transportando corpos em macas.

O Kremlin nega que esteja mirando edifícios civis. O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky, reagiu e disse que a Rússia vai pagar por essas tragédias: – Vamos reconstruir cada edifício, cada rua, cada cidade, e dizemos à Rússia: aprendam a palavra reparação.

Autoridades militares ucranianas também alegaram que áreas residenciais na cidade de Kharkiv, ao leste de Kiev, foram “bombardeadas a noite toda”. Já o ataque na capital parecia paralisado, ontem. Segundo fontes do alto escalão do governo dos Estados Unidos, a imensa coluna de veículos militares que se dirigia para Kiev estava “parada” por falta de combustível e suprimentos.

E as tropas russas que avançaram da península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014, tinham ontem como alvo a cidade de Mariupol, importante porto no Mar de Azov (que banha tanto a Ucrânia quanto a Rússia) no sudeste do país. Os russos “querem impor um bloqueio como em Leningrado (atual São Petersburgo)”, a então cidade soviética cercada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, informou o prefeito de Mariupol, Vadym Boichenko.

Segundo o conselho da cidade, bombardeios têm atingido infraestruturas civis vitais, deixando a comunidade sem água, aquecimento ou energia.





Uma cidade desconfiada e com medo

Em Lviv desde quarta-feira, ZH presencia a rotina de tensão de quem ainda se prepara para o pior

Sétima maior cidade da Ucrânia, Lviv, com 700 mil habitantes, virou um bolsão de relativa tranquilidade em um território que começa a ser fatiado pelas forças russas por Norte, Leste e Sul. Ainda que uma invasão pelo Norte, com o uso de tropas de Belarus, não seja descartada, Lviv esforça-se para manter certa normalidade. Há movimento nas ruas centrais, os moradores levam adiante suas rotinas, com os serviços essenciais funcionando em sua maior parte. O ar de normalidade, no entanto, é quebrado pela presença de tropas das forças armadas patrulhando as ruas, prédios de telecomunicações com barricadas e o som agonizante das sirenes antiaéreas, que tem ecoado pelo céu cinzento de Lviv em média duas vezes por noite. Às 22h12min desta quinta-feira (no horário local, 17h12min de Brasília), elas tocaram em Lviv. No hotel Sputnik, onde Zero Hora está instalada, os hóspedes, incluindo este repórter, correram para o abrigo. Após 15 minutos, a situação estava normalizada.

Não houve registro de explosões próximas ao prédio. A cidade ainda não foi bombardeada, situação diferente da capital, Kiev, de Kherson (Leste), que já teria caído, e Mariupol (Sul), sob fogo cerrado há dias. Lviv se prepara para o pior. As cercas de prédios públicos estão sendo cobertas com lona branca para dificultar a visão de um inimigo que pode avançar casa a casa. O trabalho é feito pelo exército. Barricadas foram instaladas nas portas de prédios estratégicos. A reportagem testemunhou pelo menos uma dessas barreiras, a percorrer o trajeto de cinco quilômetros entre o centro e o hotel Sputnik. A Rua Staroyevreiska, no centro histórico, é símbolo dessa contradição de uma cidade que pode ser atacada a qualquer momento, mas que tenta levar adiante a rotina pré-guerra. No Café Lviv Croissants, um grupo de jovens saboreia taças de cappuccino, enquanto conversa sobre o conflito. A aproximação tem sido difícil com os ucranianos, porque poucos falam inglês e porque a maioria

teme perseguição política. Não é incomum a abordagem começar no presencial e terminar no Telegram, app de bate-papo conhecido pela segurança na troca de mensagens. Os jovens cosmopolitas e conectados com a Europa Central comentam sobre o desejo de retomar a vida. Um deles estuda Medicina e lamenta a dificuldade de completar o currículo com as frequentes interrupções. — Não há como continuar dessa forma. Ou Vladimir Putin (presidente russo) para ou será parado — diz um deles. Lviv é também, nestes dias, uma cidade desconfiada. Do lado de fora, ergo o celular para fotografar a placa indicando o nome da rua quando uma mulher que observa a cena vem até mim, lançando uma série de xingamentos. Só então me dei conta de que, acima da identificação da rua, havia uma das sirenes de emergência. As esquinas do centro de Lviv, onde ficam prédios magníficos como o Opera, estão crivadas de alto-

falantes e câmeras. Em Kharkiv, no Leste, os russos atacaram com um míssil prédios da administração regional, matando 10 pessoas e ferindo 20. Não é difícil imaginar algo semelhante em Lviv. A presença de um repórter no local começa a despertar suspeita. Os ucranianos estão em alerta com a infiltração de russos. Em outro local, próximo ao prédio da administração da cidade, uma mulher resmungava incomodada cada vez que aponto a câmera para um prédio. Lviv é estratégica para os dois lados. Um ataque à cidade cortaria parte da linha de suprimentos do Ocidente procedente da Polônia. Por outro lado, alguns países transferiram suas embaixadas de Kiev para essa cidade — caso, por exemplo, dos Estados Unidos e do Brasil. Uma ofensiva aqui, próximo às fronteiras de Hungria e Polônia, colocaria a Europa muito perto de um confronto direto entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e a Rússia.

Comboio vai retirar hoje brasileiros retidos na Ucrânia

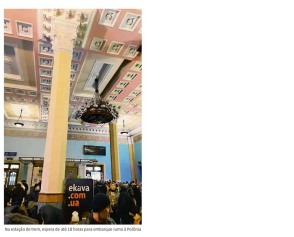
Pelo menos 15 brasileiros que estão retidos na Ucrânia poderão, finalmente, voltar para casa. Hoje, um comboio organizado pela embaixada do Brasil em Kiev deixará Lviv, no oeste da Ucrânia, em direção à fronteira com a Polónia. Os brasileiros, atualmente em diferentes áreas de Lviv, serão concentrados no Hotel Sputnik, sede do Consulado Honorário do Brasil na cidade. A saída em direção à fronteira, que contará com escolta das forças armadas ucranianas, está prevista para 11h (6h no Brasil). No grupo, está o jogador de futsal Matheus Ramires, de 26 anos. Ele chegou a Kiev no dia 1º de fevereiro para jogar no SkyUp Futsal, mas foi surpreendido pelo início do conflito. Enfrentou mais de 40 horas em um bunker durante os bombardeios. — Vi a morte de perto. E não podia nem passar para a minha família a preocupação de tudo que estava acontecendo — conta. Na quarta-feira, Ramires conseguiu deixar a capital, com outros três brasileiros, em uma operação coordenada pelo embaixador Norton de Andrade Mello Rapesta. Uma viagem entre Kiev e Lviv, que normalmente dura sete horas, levou 17 horas. — Agora, o sentimento de cruzar a fronteira será diferente. Muitas vezes, a gente fica longe de casa e volta feliz depois de uma viagem, mas nesse caso, estamos voltando da guerra — afirma. O Itamaraty decidiu abrir dois postos de atendimento consular para ajudar brasileiros que querem deixar o país em guerra — um deles aqui, em Lviv, e o outro em Chisinau, capital da Moldávia, para facilitar a assistência de quem deseja sair via Romênia. Ontem, o Ministério da Defesa confirmou que uma aeronave KC-390 Millennium deve decolar na próxima segunda-feira para repatriar os brasileiros. O avião terá como destino final Varsóvia, na Polónia.



Cidade vive aparente tranquilidade, quebrada, contudo, pela presença das forças armadas patrulhando as ruas, por barricadas e pelo som das sirenes antiaéreas

Nove horas de drama humano, ao vivo
A situação de quem ficou retido em Lviv durante a noite de quinta-feira para sexta-feira foi de tensão e medo. Os brasileiros estavam em um bunker no Hotel Sputnik, onde Zero Hora está instalada. O som das sirenes antiaéreas ecoava pelo céu cinzento da cidade. Os moradores estavam cobertos com lona branca para dificultar a visão de um inimigo que pode avançar casa a casa. O trabalho é feito pelo exército. Barricadas foram instaladas nas portas de prédios estratégicos. A reportagem testemunhou pelo menos uma dessas barreiras, a percorrer o trajeto de cinco quilômetros entre o centro e o hotel Sputnik. A Rua Staroyevreiska, no centro histórico, é símbolo dessa contradição de uma cidade que pode ser atacada a qualquer momento, mas que tenta levar adiante a rotina pré-guerra. No Café Lviv Croissants, um grupo de jovens saboreia taças de cappuccino, enquanto conversa sobre o conflito. A aproximação tem sido difícil com os ucranianos, porque poucos falam inglês e porque a maioria teme perseguição política. Não é incomum a abordagem começar no presencial e terminar no Telegram, app de bate-papo conhecido pela segurança na troca de mensagens. Os jovens cosmopolitas e conectados com a Europa Central comentam sobre o desejo de retomar a vida. Um deles estuda Medicina e lamenta a dificuldade de completar o currículo com as frequentes interrupções. — Não há como continuar dessa forma. Ou Vladimir Putin (presidente russo) para ou será parado — diz um deles. Lviv é também, nestes dias, uma cidade desconfiada. Do lado de fora, ergo o celular para fotografar a placa indicando o nome da rua quando uma mulher que observa a cena vem até mim, lançando uma série de xingamentos. Só então me dei conta de que, acima da identificação da rua, havia uma das sirenes de emergência. As esquinas do centro de Lviv, onde ficam prédios magníficos como o Opera, estão crivadas de alto-

falantes e câmeras. Em Kharkiv, no Leste, os russos atacaram com um míssil prédios da administração regional, matando 10 pessoas e ferindo 20. Não é difícil imaginar algo semelhante em Lviv. A presença de um repórter no local começa a despertar suspeita. Os ucranianos estão em alerta com a infiltração de russos. Em outro local, próximo ao prédio da administração da cidade, uma mulher resmungava incomodada cada vez que aponto a câmera para um prédio. Lviv é estratégica para os dois lados. Um ataque à cidade cortaria parte da linha de suprimentos do Ocidente procedente da Polónia. Por outro lado, alguns países transferiram suas embaixadas de Kiev para essa cidade — caso, por exemplo, dos Estados Unidos e do Brasil. Uma ofensiva aqui, próximo às fronteiras de Hungria e Polónia, colocaria a Europa muito perto de um confronto direto entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e a Rússia.



Refúgio
No Hotel Sputnik, onde Zero Hora está instalada, os hóspedes, incluindo este repórter, correram para o abrigo. Após 15 minutos, a situação estava normalizada.

Os brasileiros foram para o bunker no Hotel Sputnik, onde Zero Hora está instalada. O som das sirenes antiaéreas ecoava pelo céu cinzento da cidade. Os moradores estavam cobertos com lona branca para dificultar a visão de um inimigo que pode avançar casa a casa. O trabalho é feito pelo exército. Barricadas foram instaladas nas portas de prédios estratégicos. A reportagem testemunhou pelo menos uma dessas barreiras, a percorrer o trajeto de cinco quilômetros entre o centro e o hotel Sputnik. A Rua Staroyevreiska, no centro histórico, é símbolo dessa contradição de uma cidade que pode ser atacada a qualquer momento, mas que tenta levar adiante a rotina pré-guerra. No Café Lviv Croissants, um grupo de jovens saboreia taças de cappuccino, enquanto conversa sobre o conflito. A aproximação tem sido difícil com os ucranianos, porque poucos falam inglês e porque a maioria teme perseguição política. Não é incomum a abordagem começar no presencial e terminar no Telegram, app de bate-papo conhecido pela segurança na troca de mensagens. Os jovens cosmopolitas e conectados com a Europa Central comentam sobre o desejo de retomar a vida. Um deles estuda Medicina e lamenta a dificuldade de completar o currículo com as frequentes interrupções. — Não há como continuar dessa forma. Ou Vladimir Putin (presidente russo) para ou será parado — diz um deles. Lviv é também, nestes dias, uma cidade desconfiada. Do lado de fora, ergo o celular para fotografar a placa indicando o nome da rua quando uma mulher que observa a cena vem até mim, lançando uma série de xingamentos. Só então me dei conta de que, acima da identificação da rua, havia uma das sirenes de emergência. As esquinas do centro de Lviv, onde ficam prédios magníficos como o Opera, estão crivadas de alto-



“Pelo que sei do povo, sabia que não entregariam o país de graça”

ANDRÉ MALINOSKI
andre.malinowski@zerohora.com.br

O ucraniano Leonid Cvirkun, 85 anos, era apenas uma criança quando a Segunda Guerra Mundial devastou a Europa. Com menos de 10 anos de idade, precisou fugir de Donetsk, na Ucrânia, onde vivia. Na época, o país ainda pertencia à União Soviética. Testemunhou bombardeios, mortes e escapou por pouco do pior. Foi obrigado pelos alemães a prestar trabalho escravo, junto dos demais familiares, em território nazista. Passou fome e viveu incertezas.

Com o final do conflito, veio de navio para o Brasil em 1948 e se instalou com os pais e uma irmã em Canoas. Atualmente, mora na zona norte de Porto Alegre. Casou com a ucraniana Evhenia (vinda em situação precária do continente europeu e já falecida) e teve duas filhas – Svetlana e Ana Maria. Naturalizado brasileiro, diz não estar surpreso com a guerra atual. Confira trechos da entrevista.

Como o senhor avalia a invasão russa à Ucrânia?

Como descendente de ucranianos, carrego essa carga há muitos anos. Não há nada de novo, e a história russa é baseada nisso. Sempre invade a terra e se apodera das coisas dos outros. Nós, ucranianos, passamos trabalho e tivemos de abandonar nossas terras justamente por causa das atitudes russas.

O senhor imaginou que testemunharia algo assim em seu país tantas décadas depois do fim da Segunda Guerra?

Imaginei, sim. Essas invasões, para os ucranianos que acompanham a história, não são nenhuma novidade.

O senhor chegou a ver muitas mortes na Segunda Guerra?

Ví pessoas mortas, e os bombardeios eram muito comuns. Também passei fome. Meu pai contava que uma vez queria ir embora de um lugar onde estávamos abrigados na Ucrânia. Precisou arrastar



Cvirkun relembra passagens da Segunda Guerra na Ucrânia

a gente para fora. Pouco depois, descobrimos que o local tinha sido destruído por um bombardeio.

Como ocorreu a fuga do senhor e de sua família de Donetsk?

Não houve decisão da família por fugir. Foram coisas da guerra. Os alemães apareceram lá para nos “ajudar” (faz tom irônico) e levaram as pessoas à Alemanha para trabalharem como escravos. Acabamos em solo alemão, não apenas nós, mas milhares de estrangeiros de outros países pequenos e grandes. Todas aquelas pessoas prestavam serviços na Alemanha. Com o fim da Segunda Guerra, os aliados começaram a organizar a situação. Criaram comitês com diversos países, em que as pessoas podiam voltar para seus lugares de origem e não ficarem sendo exploradas. Só que aconteceu o seguinte: nem todos que pertenciam à União Soviética quiseram voltar porque sabiam que a coisa era braba lá. Foi o que ocorreu com a minha família. Os representantes dos países livres e democráticos foram buscar a gente. Um cônsul brasileiro apareceu na cidade onde estávamos, em Hannover, na Alemanha. Lá ficamos em um campo de refugiados ucranianos, com mais de 10 mil pessoas, esperando por algum convite.

O que mais marcou o senhor na guerra?

Antes de os alemães e os soviéticos entrarem na Ucrânia, a terra não tinha dono. Em uma ocasião, perto da região onde estávamos no território ucraniano, havia um cemitério e muitas árvores. Lembro que o local estava cheio de refugiados, até que os alemães invadiram. Então apareceram os patriotas de novo. Um belo dia, veio uma bom-

ba. Era soviética e tivemos de fugir outra vez. Isso foi algo que marcou meu coração.

Os ucranianos demonstram muita resistência no atual conflito. O senhor esperava essa força?

Pelo que conheço do povo, esperava. Sabia que não entregariam o país de graça.

Donetsk foi reconhecida como separatista pelo presidente russo Vladimir Putin. A própria cidade se autoproclama República Popular de Donetsk. Qual o sentimento do senhor?

Estive na Ucrânia e em diversos pontos do país em 2001, mas não fui a Donetsk. Não sei por qual motivo não quis ir, mas acho que é por causa desse ajuntamento de pessoas de várias outras partes na cidade.

O senhor considera o presidente Putin um tirano nos moldes de Hitler ou Mussolini, por exemplo?

Preciso me basear em alguma coisa para dizer o que penso. Ele já foi espião da KGB (serviço secreto soviético) e não estava pregando coisas boas para a juventude (diz em tom irônico).

Se o senhor tivesse possibilidade de dizer alguma coisa para o exército invasor russo, o que seria?

É difícil. A pessoa precisa sentir em algo para falar. Mas, para os ucranianos, diria para defenderem a terra.

Por que a Rússia ainda não conseguiu vencer a Ucrânia

Uma semana após a ocupação russa, a Ucrânia não se dobrou, o presidente Volodimir Zelensky continua no cargo (prestigiado pelos eleitores) e os russos enfrentam tremendas dificuldades logísticas, além de boicote econômico feroz do Ocidente.

O colonista ouviu dois ganchos especialistas em assuntos militares sobre a situação atual na Ucrânia. Um deles é o general da reserva Sérgio Etchegoyen (que foi chefe do Estado-Maior do Exército e atuou como enviado das Nações Unidas à guerra civil em El Salvador, entre outras credenciais). O outro é Nelson Düring, editor do site Defesasnet, que mantém vários contatos no leste europeu. Ambos alinham motivos para a surpreendente resistência ucraniana:

1 – Dificuldade logística: os exércitos marcham sobre seus estômagos, definiu Napoleão Bonaparte. Etchegoyen ressalta que uma brigada de blindados, como a de Santa Maria, consome 250 mil litros de combustível por dia. E os russos enviaram muito mais que uma brigada à Ucrânia. Suprir com alimentos e gasolina um exército de ocupação é difícil, porque tem de fazer isso em território hostil. Hitler enfrentou esse problema ao tentar tomar Moscou, na Segunda Guerra Mundial. Isso explica também porque cidades mais a oeste, como Lviv, foram poupadas. O custo logístico de um cerco para ocupação longe da Rússia seria demasiado.

Düring considera a logística um desastre para os russos, em pleno inverno. A linha de fornecimento de combustível, munição e alimentação está ruim, embora os ucranianos também tenham muita dificuldade para receber a ajuda bélica da Otan. Essa será a chave do conflito.

– Nos blindados russos foram encontrados alimentos datados de 2015. Comida vencida. Surpreende, porque concentravam tropas em Belarus desde julho do ano passado, na Operação Zapad (significa Oeste). Ela é realizada a cada quatro anos, para teste de conceitos táticos e estratégicos, mas desta vez serviu para uma manobra de pinça ao território ucraniano – relata Düring.

2 – Resistência maior que a esperada: Putin imaginou

depor o governo, mas Zelensky ganhou apoio.

– Na pior hipótese, vira um retrato honrado na parede. Na melhor, se consagra como herói em vida. Está vitorioso politicamente – diz Etchegoyen.

Düring ressalta que os ucranianos estão em combate na região do Donbass desde 2014. Cerca de 40 mil soldados ucranianos passaram por ali, nesse período, que já acumula 14 mil baixas dos dois lados. Esses veteranos apreenderam a trabalhar as guerras eletrônica e psicológica. Os russos acharam que seriam bem recebidos naquela região, mas avançaram além do Donbass e enfrentam a fúria dos ucranianos não russófonos. É algo similar ao que aconteceu na Tchecoslováquia em 1968, quando os russos foram hostilizados.

Além disso, a Rússia usa recrutas, que não têm a mesma motivação ucraniana, a de lutar por sua terra.

3 – Sanções catastróficas para a economia russa: elas têm o peso de uma bomba nuclear, atingiram 52% das reservas russas, salienta Etchegoyen. Sem acesso ao sistema bancário internacional, os bilionários aliados de Putin começam a reclamar. E o povo sequer pode usar cartão de crédito para pagar as contas.

Xadrez

O futuro depende de a Otan ajudar logisticamente a Ucrânia. É um jogo de xadrez. Bombardeios durante as negociações fazem parte da pressão. Düring teme a regionalização da guerra ucraniana. Ressalta que 10 mil soldados chechenos integram as Forças Armadas russas (embora os ucranianos também tenham ajuda de dois batalhões de voluntários chechenos).

– A Rússia pode receber voluntários sírios. Isso tornaria o conflito imprevisível – avalia.

Tanto Düring como Etchegoyen dizem que o Zelensky é a figura número um na guerra de resistência. Caso não seja explodido num atentado e a Otan consiga enviar arsenais para a Ucrânia, são grandes as chances de uma negociação chegar a bom termo – e com Zelensky na presidência, acreditam os analistas. Algo difícil de crer, em uma semana atrás.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Conflitos na Europa Pagina: 12 a 16